A febre do mundo: notas sobre os sintomas de nossos tempos

Marília Raiane Rodrigues Silva[1]

[1] Aluna do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais. Bacharel em turismo pela mesma universidade.

Comecei a ver em sonho o peito do céu desabando sobre a terra. Os xamãs de nossa casa trabalhavam freneticamente para segurá-lo. Mas nada adiantava. O céu balançava com estrondo e continuava rachando e se desmanchando de ponta a ponta. Pedaços enormes se soltavam com estalos ensurdecedores. Depois caíam devagar sobre mim, brilhando num clarão ofuscante. Eu tinha certeza que o céu estava desabando sobre a floresta e iria esmagar todos os humanos. Comecei também eu a berrar de pavor.

(Davi Kopenawa, 2015)

I.

Em meados de março do ano de 2020, dei início ao isolamento social em respeito às medidas de proteção ao novo coronavírus. Naquele tempo, a modificação radical do que eu considerava como a "vida normal", somada às incertezas sombrias do cenário político brasileiro, me atingiram feito uma espécie de pancada na cabeça. Nos primeiros dias em casa, intercalava momentos de anestesia emocional, resultado de uma incapacidade em dimensionar o tamanho do problema que estaríamos enfrentando, e momentos de uma desolação dramática, em que me entregava de vez a um niilismo barato. Em meio ao caos interno - e externo -, um título de livro, na estante da sala de casa, irrompeu diante de meus olhos, dentre tantos outros contíguos a ele: *A queda do c*. Resgatado das poeiras da estante, aquele título me parecia sugestivo para um momento em que sonho e ficção interagiam de forma tão íntima com a realidade.

Cinco meses depois do início do isolamento social, escrevendo estas linhas, dou certeza de que não poderia ter escolhido melhor companhia para os dias em reclusão. Apesar de ainda seguirmos imersos em um caos sanitário e político, a leitura permitiu que eu me afastasse por alguns momentos da neblina escura e sombria característica de nossos tempos e orbitasse entorno de outras possibilidades de consciência. Isto é, enxerguei aspectos do contexto atual impossíveis de serem acessados em um cotidiano bombardeado por informações difusas e opiniões demasiadamente seguras de si. Nesse momento, refletir sobre episódios que precederam o desembarque do novo coronavírus ao Brasil foi um imperativo verdadeiramente psicanalítico, uma possibilidade de dar sentido às diferentes crises pelas quais estivemos passando nos últimos meses. Antes da disseminação de um novo e perigoso

vírus sob as narinas de toda uma "aldeia global", conduzindo a humanidade a rumos imprevisíveis, uma série de catástrofes ambientais reforçavam a suspeita de que algo estava prestes a desabar sobre nossas cabeças.

No começo do ano de 2019, junto ao encerramento da segunda década do melindroso século XXI, chegava-nos o sutil recado de que o desfecho da década poderia também representar o fim da retomada recente da democracia política no Brasil. Para mim, a virada do ano de 2018 para 2019 foi marcada mais pela angústia e apreensão repercutidas pelo resultado da eleição presidencialpropagandas de TV durante o fatídico fim de ano. Ao invés de esperança, amor e felicidade, sentia-me caminhando sob temidas reticências, que logo revelariam o início de um novo e incerto capítulo sobre a nossahistória.

A posse do novo presidente foi procedida por uma sequência trágica de eventos, de origens mais ou menos concatenadas. O alucinado desejo por converter terra, água e trabalho humano em *commodities* a serem comercializadas no mercado global resultou em grandes desastres socioambientais naquele insólito ano. No primeiro mês de 2019, precisamente no dia 25 de j o rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração em Brumadinho, Minas Gerais, fixou-se como um dos maiores desastres socioambientais da história brasileira, deflagrado apenas 4 anos depois do desastre de Mariana, também no interior mineiro. A lama que explodiu da barragem controlada pela Vale do Rio Doce em Janeiro de2019, soterrou e levou a óbito 270 pessoas[2] – das quais onze permanecem desaparecidas –, em sua grande maioria trabalhadores da própria empresa, força motriz da injusta corrida pela produção minerária. Corrida, aliás, substancialmente parecida àquela empreendida pela metrópole portuguesa no início do século XVIII, quando a descoberta de inúmeras jazidas de metais preciosos fixaram Minas Gerais como uma promessa inestimável para um dos maiores espólios coloniais de todos os tempos.

A eclosão dos desastres de Mariana e Brumadinho apareceram como o resultado de uma contingê condição brasileira de país exportador de matérias primas no âmbito da chamada *divisão internacional do trabalho*, uma espécie de manutenção daquela condição colonial a que estivemos submetidos ao longo de séculos passados. Para atender às determinações do

[2] Contagem atualizada de acordo com as listas disponíveis no website da Vale. Disponível em: http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minasgerais/atualizacoes_brumadinho/Paginas/listas-atualizadas.aspx. Acesso em 15/08/2020

mercado mundial, que segue controlando continentes inteiros, fez-se necessário despejar conglomerados de substâncias tóxicas sobre toda uma população, aterrando para sempre suas imagens numa esquina funda da memória coletiva. O chamado "mar de lama", que se espalhou sobre o território mineiro por duas vezes nos últimos 5 anos, encontrou de fato o mar ao seguir o caminho fluvial dos grandes rios Doce, em 2015, e rio São Francisco, em 2019.

Já no Atlântico, a lama provavelmente encontrou-se com uma outra substância que atingira de forma catastrófica a costa brasileira, em agosto de 2019. Um vazamento de óleo, advindo de algum navio de carga ou plataforma de extração de petróleo (oficialmente não se sabe ainda com precisão a origem do vazamento), foi responsável pela contaminação de diversas praias em sete estados do nordeste brasileiro, além de praias do Rio de Janeiro e Espírito Santo. As enormes manchas de petróleo cru, uma substância tóxica e grudenta, perturbaram ofuncionamento da ecologia marinha e a economia de pescadores e trabalhadores da costa brasileira. A missão de retirar com os próprios braços e pernas o denso óleo preto que atingira as praiasfoi cumprida majoritariamente por voluntários e funcionários de prefeituras locais, fato que escancarou a omissão do governo federal em responsabilizar-se pela tragédia.[3]

Naquele mesmo agosto de 2019, outro evento trágico irrompeu diante dos olhos do sudeste brasileiro. Uma densa e escura fumaça instalou-se sob o céu da capital de São Paulo, efeito das inúmeras e simultâneas queimadas que tomaram conta da Floresta Amazônica no mês mais seco daquele ano. O avançado estágio de desmatamento em que se encontra a maior floresta tropical do mundo, segundo dados do INPE[4], contribuiu para que os focos de incêndio se alastrassem indiscriminadamente, carimbando aquele como o pior agosto em nove anos. A fumaça foi capaz de viajar até o sudeste do país e provocar um cenário sombrio de "fim do mundo". Na ocasião, muitos se lembraram da profecia Yanomami[5], em que *a*

---

[3] Ver, por exemplo, as reportagens: G1 PERNAMBUCO. Justiça determina que governo federal e ibama adotem medidas sobre óleo em praias de PE sob pena de multa. Recife. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/10/20/justica-determina-que-governo-federal-e-ibama-adotem-medidas-sobre-oleo-em-praias-de-pe-sob-pena-de-multa.ghtml> e: O GLOBO. Autoridades locais reclamam da omissão do governo federal no derramamento de óleo no NE. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/autoridades-locais-reclamam-da-omissao-do-governo-federal-no-derramamento-de-oleo-no-ne-24031807 >

[4] UOL. São Paulo. 2019. Queimadas na Amazônia provocam "corredor de fumaça" na América do Sul. Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/08/20/queimadas-na-amazonia-provocam-corredor-de-fumaca-na-america-do-sul.htm >.

[5] Segundo Albert, "os Yanomami constituem uma sociedade de caçadores coletores e agricultores de coivara que ocupa um espaço da floresta tropical de aproximadamente 230 mil quilômetros quadrados, nas duas vertentes da serra Parima, divisor de águas entre o alto Orinoco (no sul da Venezuela) e a margem esquerda do

queda do céu é o destino de um mundo inteiro, invadido pelas exalações mortíferas da extração de minérios e combustíveis e da ganancia por converter todo o solo do planeta em ativos financeiros. "A floresta está viva. Só vai morrer se os brancos insistirem em destruí-la (...) então morreremos, um atrás do outro, tanto os brancos quanto nós. Todos os xamãs vão acabar morrendo. Quando não houver mais nenhum deles vivo para sustentar o céu, ele vai desabar"[6].

No trecho reproduzido na epígrafe do presente texto, a queda do céu aparece em um sonho de Davi Kopenawa, quando ele é tomado de súbito pelo delírio febril de uma das muitas epidemias levadas pelos brancos até sua aldeia. O sarampo, doença que se transformou em catástrofe epidemiológica entre os Yanomami nos idos de 1970, ofereceu a Kopenawa uma imagem nítida e precisa da profecia da queda do céu - um acontecimento cosmopolítico resultante do enfraquecimento das relações entre os humanos e os diversos seres e espíritos da floresta, em decorrência, por sua vez, das sucessivas mortes dos xamãs e líderes espirituais.

O livro, homônimo à profecia indígena, foi lançado em 2015 na versão em português. Nele, Bruce Albert, antropólogo francês e coautor da obra, opera transcrição, tradução e recomposição a partir da narrativa oral de David Kopenawa, xamã e liderança política entre os Yanomami, e primeiro autor do extenso volume. "Se quiser pegar minhas palavras não as destrua. São as palavras de Omama e dos Xapiri. Desenhe-as primeiro em peles de imagem, depois olhe sempre para elas (...)"[7].

O anseio de Kopenawa pela publicação de suas palavras junto ao mundo dos brancos surgiu no fim da década de 1980, quando verdadeiras catástrofes epidemiológicas, provocadas, sobretudo, pela corrida do ouro na Amazônia, causavam uma brutal redução de seu povo. A marca principal do livro é a multiplicidade de proposições agenciadas pelo xamã, que oferece, ao mesmo tempo, um testemunho autobiográfico, um manifesto xamânico e um exercício de "contra antropologia arguta e sarcástica dos Brancos, ou do 'povo da mercadoria'", como sinaliza Viveiros de Castro no prefácio do livro. Em seu cerne, para aqueles que possam captar, está uma crítica contundente à modernidade e à economia

rio Negro (no Norte do Brasil). Formam um vasto conjunto linguístico e cultural isolado, subdividido em várias línguas e dialetos apartados. Sua população total é estimada em mais de 33 mil pessoas repartidas em cerca de 640 comunidades, o que faz deles um dos maiores grupos ameríndios da Amazônia que conservam em larga medida seu modo de vida tradicional" (Kopenawa e Albert, 2015, pg. 44).

[6] KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, p. 3
[7] KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, pg. 64

política, sistema cultural que se materializa a partir de uma separação radical entre natureza e liberdade humana. Através de uma profunda compreensão acerca do pensamento ocidental e seu modo de funcionamento fundado na dicotomia entre natureza e cultura, Kopenawa escancara a fragilidade de nossas bases ontológicas. Um desvelamento incômodo e preciso, que permite com que nossa limitada imaginação se expanda e promova reaproximações reais entre estas duas categorias até então inconciliáveis.

II.

> Nossos antigos não sabiam imitar a língua daqueles forasteiros. Por isso os deixaram chegar perto de suas casas sem hostilidade (...). Acho, no final, que foram enganados por aqueles *nape* que exibiam seus objetos manufaturados com boas palavras: "Vamos ficar amigos! Vejam, estamos dando uma grande quantidade de nossos bens de presente a vocês! (...) Depois, logo atrás deles, chegam os seres de epidemia xawarari e então começamos a morrer um atrás do outro." [8]

As guerras biológicas não são acontecimentos recentes no universo indígena, elas tiveram início ainda nos primórdios da colonização brasileira, há cerca de 500 anos portugueses pérfidos e doentes desembarcaram na costa brasileira em busca de riquezas minerárias. Como sabemos, a disseminação de epidemias sobre as populações nativas que aqui se encontravam foi uma das primeiras condições para que a estrutura de poder europeiase territorializasse progressivamente. Hoje em dia, o uso da palavra "genocídio" para se referir ao *modus operandi* da colonização deixou de exigir uma discussão linguística e jurídica para enfim designar o estado concreto de uma guerra permanente de extinção dos povos indígenas.

Em seu extenso monólogo, Kopenawa revela ter testemunhado, ao longo de sua vida, centenas de milhares de yanomamis serem consumidos pelas doenças dos brancos logo que se deram os primeiros contatos mais diretos entre eles. Segundo seu relato, é a partir da década de 1950 que as epidemias de gripe, sarampo, rubéola, escarlatina e malária começaram a se transformar em catástrofes sociais e ambientais. As doenças eram

[8] KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, pg. 245

introduzidas juntamente às mercadorias utilizadas pelos brancos como moeda de troca para empreender investidas sobre os territórios amazônicos. Mas é sobretudo a partir de 1970, com a ampliação do controle geopolítico sobre o território nacional e a construção da principal rodovia federal do Amazonas, que os yanomamis passaram a se ver intensamente ameaçados pelas epidemias, devido à crescente invasão de seus territórios por parte de garimpeiros, grileiros e madeireiros em situação de ilegalidade. Condição que nos dias atuais vem obrigando-os a uma organização política cada vez mais incisiva, adotando métodos e linguagem jurídicas para a demarcação oficial de seus territórios ou, no limite, entrando em combate direto com os invasores.

Atualmente, o temor de uma nova doença, a covid-19, atualiza o extenso relato de Kopenawa. As relativas condições de isolamento em que muitas aldeias vivem, bem como a constante invasão dos territórios por parte de exploradores do solo e dos minérios, além, é claro, do descaso escancarado do governo federal quanto à proteção dos indígenas - vetando, por exemplo, medidas que obrigariam o fornecimento de água potável e outros recursos essenciais a estes povos durante a pandemia[9] - se mostram como um verdadeiro prenúncio de um novo extermínio. De acordo com o monitoramento feito pelos próprios yanomamis através da contagem das balsas que desembarcam no território indígena[10], mais de 20.000 garimpeiros estão atualmente exercendo atividades no local, invasores quase tão numerosos quanto a própria população yanomami. Eles carregam junto de si o traço invisível e possivelmente letal do novo vírus.

III.

O documentário "Ex-pajé", do diretor Luiz Bolognesi, lançado em 2018 e filmado na tribo dos Paiter Suruí, região da Rondônia, retrata a história de Perpera Suruí, um ex-pajé da aldeia de Lapetanha, local extremamente afetado pela ação criminosa de madeireiros e garimpeiros. De acordo com o documentário, Perpera passou a se ver invalidado socialmente diante da

[9] EL PAÍS. Bolsonaro veta obrigação do governo de garantir acesso a água potável e leitos a indígenas na pandemia, São Paulo, Julho de 2020. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-08/bolsonaro-veta-obrigacao-do-governo-de-garantir-acesso-a-agua-potavel-e-leitos-a-indigenas-na-pandemia.html>

[10] EL PAÍS. "Meus antepassados morreram pelo mesmo que eu tô enfrentando: o garimpo ilegal e a epidemia". São Paulo, Julho de 2020. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-14/meus-antepassados-morreram-pelo-mesmo-que-eu-to-enfrentando-o-garimpo-ilegal-e-a-epidemia.html>

chegada de uma nova ordem religiosa à aldeia, em meados de 1970, através da qual pastores evangélicos induziram estigmas coletivos acerca das práticas xamânicas, rotulando-as de "coisas do diabo". Tornado porteiro da igreja pentecostal, o pajé, filmado durante seu cotidiano, passa os dias sentado na porta da igreja, olhando com serenidade para a floresta, ainda conservando as visões dos espíritos que ali habitam.

Certo dia, quando uma mulher da aldeia sofre a picada de uma cobra venenosa e fica vários dias internada no hospital de uma cidade próxima, Perpera é convocado pelo grupo para promover um ritual de cura, situação que demonstra um possível retorno à sua antiga função de pajé e líder espiritual. O desmatamento provocado pela ação de madeireiros na terra indígena e o desequilíbrio ecológico decorrido da atividade ilegal se revelam como as causas mais explícitas para o ataque da cobra. O xamã, sensível aos problemas que rondam seu grupo, empreende um ritual de expulsão daqueles espíritos invasores que se metamorfoseiam à imagem da cobra.

A principal marca da *cosmopráxis*[11] ameríndia, segundo Sztutman (2019), reside na habilidade diplomática a ser constantemente desenvolvida no âmbito das múltiplas e variadas relações existentes entre os humanos e outros seres que compartilham um mesmo mundo. Os Xapiri, como nomeia Kopenawa as imagens de animais, plantas, minerais e mesmo estados do tempo, como o calor ou a humidade, são convocados em rituais xamânicos para a sua constante integração à vida social e política. Assim, "os xamãs repelem os espíritos maléficos, impedem a floresta de se desfazer e reforçam o céu quando ameaça desabar[12]."

Nos termos de Davi Kopenawa, Perpera, o ex-pajé, promove o trabalho de sustentar o céu para que ele não desabe em função das ameaças de interferência nas relações entre os humanos e os diversos seres que habitam a floresta. Perpera Suruí, de 75 anos, é uma das vítimas do novo coronavírus. Segundo reportagem publicada recentemente[13], ele encontrava-se em situação grave, sendo tratado dentro da própria aldeia, com acesso a um respirador e sob os cuidados de uma enfermeira. O vírus atingiu ao menos metade das 28

---

[11] SZTUTMAN. *Um acontecimento cosmopolítico*: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers

[12] KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, pg. 491

[13] FOLHA DE SÃO PAULO. Pandemia já chegou a metade das aldeias dos paiter suruí. São Paulo, Agosto de 2020. Disponível em: < https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/pandemia-ja-chegou-a-metade-das-aldeias-dos-paiter-suruis.shtml >

aldeias da terra indígena Sete de Setembro, em Rondônia, onde vivem cerca de 1.800 indígenas paiter suruí. Dentre os contaminados com o novo coronavírus estão diversas lideranças comunitárias.

Diferentemente da nossa sociedade moderna, em que a vida dos idosos tem pouca instrumentalidade na reprodução social, muitas vezes sendo vista como uma espécie de "grupo de risco" para a economia e os gastos públicos, nas sociedades não ocidentais os xamãs e os líderes políticos representam a base da estrutura comunicativa, da ancestralidade e da organização social dos grupos. Nesse sentido, o risco de morte individual é também um risco de morte coletiva.

Os territórios indígenas amazônicos são hoje considerados fronteiras de avanço das atividades do agronegócio. A terra, vista pelo mercado mundial como um rentável ativo financeiro, vem sendo sumariamente invadida e violada por grileiros na figura de agentes e empresas nacionais e internacionais. A desorganização social dos grupos ameríndios em função da entrada do capital financeiro na AmazôniaKopenawa em seu livro: "então, quase todos os nossos xamãs morreram. Isso é muito assustador, porque se desaparecerem todos, a terra e o céu vão despencar no caos. É por isso que eu gostaria que os brancos escutassem nossas palavras (...) porque se os cantos dos xamãs deixarem de ser ouvidos na floresta, eles não serão mais poupados do que nós"[14]. O resultado da sucessiva morte daqueles considerados como os *guardiões da terra* é a explícita culminância do temido desabamento do céu ou, se assim preferir, da maior crise ecológica de todos os tempos.

IV.

Uma das marcas do *perspectivismo ameríndio*, conceito postulado por Viveiros de Castro[15], diz respeito à suspensão de sentidos modernos como "natureza" e "cultura". Os seres não humanos - deuses, animais, plantas, fenômenos meteorológicos são, na verdade, "ex-humanos que reservam um lado humano latente ou secreto". A humanidade, nesse sentido,

[14] KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, pg. 491

[15] VIVEIROS DE CASTRO; DANOWSKY. *Há mundo por vir?* Ensaios sobre os medos e os fins, pg. 98

“é uma condição universal e uma perspectiva estritamente dêitica e autoreferencial, em que cada uma dos seres incorpora o Eu” (sujeito) perante seus iguais. Por isso, todas as possíveis interações realizadas nesse universo *vivo* são necessariamente negociações diplomáticas, que “precisam ser feitas com a máxima circunspecção”, daí o termo cosmopolítica para nomear o estado permanente de atenção e cuidado às múltiplas relações envolvidas pela atividade social. Davi Kopenawa afirma contundentemente: “para nós, a política é outra coisa”[16]. Viveiros considera ainda que, para as populações ameríndias, “tudo é político”.

O abalo epistemológico causado pelas palavras de Kopenawa - cuja brilhante tradução de Albert as torna agora acessível a um público diverso - ganha ressonância sobre o nosso entendimento acerca das catástrofes ambientais e, mais ainda, da crise sanitária de 2020. A lama, a fumaça, o óleo e o vírus são resíduos que se confundem quanto à sua essência, se encontram no limiar entre a “natureza” e a “artificialidade”. O surgimento da pandemia simboliza o maior de todos os impasses modernos, pois ela é, a um só tempo, o resultado de processos biológicos, invisíveis e dificilmente controláveis pela ciência, e o resultado de processos sociais regidos por forças políticas e econômicas.

Ainda que os estudos sobre a c sejam recentes, já é possível afirmar que o surgimento de zoonoses como esta - doenças transmitidas por vírus, bactérias ou protozoários a um animal não-humano, que por sua vez a transmite a um humano - estão diretamente associadas às perturbações ecológicas e às práticas modernas, como os mercados de carne de animais selvagens, a caça predatória e o desmatamento em grande escala[17]. Práticas que fazem com que os patógenos, normalmente isolados na natureza, se dissipem entre os humanos, e, assim, contaminem de forma indiscriminada o mundo inteiro. A tendência é que epidemias como esta aconteçam cada vez mais, com maior frequência. Alguns indícios apontam, inclusive, que a próxima pandemia possa surgir da Amazônia, devido às profundas e irreparáveis perturbações ali causadas.

Além disso, o aumento do número de desastres ambientais, bem como a disseminação planetária de uma zoonoses como a covid-19, se dão na esteira de uma sociedade cada vez mais conectada e globalizada. Esse paradigma civilizatório, justificado pelo aparente compartilhamento mundial de aparatos tecnológicos altamente desenvolvidos não promove,

---

[16] KOPENAWA; ALBERT. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami, pg. 390.

[17] PIAUÍ. O vírus está no prato: A relação entre zoonoses fatais e os animais que comemos. Agosto de 2020. Disponível em: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-virus-esta-no-prato/

todavia, o compartilhamento de seus prejuízos e dividendos. As catástrofes que vêm crescendo e se multiplicando são, além de tudo, catalisadoras da precariedade imposta aos corpos que vivem às margens do lucro extraído da terra e do trabalho humano: moradores de periferias urbanas, indígenas, populações carcerárias, os milhares de trabalhadores obrigados a se exporem ao risco de contágio para preservarem seu emprego, que nos levam a considerar o vírus, a lama, o óleo e a fumaça como agentes radicalmente políticos, nos termos de Davi Kopenawa, pois eles participam, interferem e, no limite, ajudam a fabricar aquilo que chamamos de sociedade.

V.

No filme "A febre", dirigido por Maya Da-rin e lançado no ano de 2019, o protagonista, um indígena da etnia Desana, sofre de sintomas incômodos e misteriosos, que não se revelam como uma enfermidade de origem viral ou bacteriana, mas algo de outra ordem. O filme se dedica a contar a estória de Justino, um indígena habitante de uma periferia de Manaus, cidade industrial cercada pela floresta Amazônica. Seus dias são praticamente todos iguais: durante o dia exerce seu trabalho como vigia no porto de cargas da cidade, à noite retorna para sua casa, onde vive junto com a filha Vanessa, uma técnica em enfermagem que trabalha no posto de saúde local. No retorno do trabalho, Justino desembarca do ônibus em uma longa avenida que divide parte da Floresta e o perímetro urbano da cidade, a mais clara ilustração do entre-lugar habitado pelo personagem: indígena e trabalhador urbano subalternizado. Certo dia, Vanessa recebe uma carta com a feliz notícia de que foi aprovada no curso de medicina da Universidade de Brasília, o que a leva rapidamente a iniciar os preparativos para mudar-se para a capital do país, mesmo com o latente receio em deixar o pai sozinho em Manaus.

Em meio à rotina extensa e repetitiva do trabalho, Justino é tomado por uma febre incessante e misteriosa, sintoma que não vem acompanhado de nenhum outro, a não ser de seu cansaço e incomodo intensos quanto à vida na cidade. Ao longo da jornada de trabalho ele luta para se manter acordado. À noite, ao deitar-se em sua rede, seu sono febril é perturbado por pesadelos com seres que o ameaçam incessantemente. Com o passar dos dias a febre vai se metamorfoseando às auguras do próprio cotidiano de Justino: discriminado e perseguido pelo novo colega de trabalho por ser "índio"; a iminente demissão do emprego por ter

cochilado durante a extensa e cansativa jornada; e a difícil partida da filha para a capital do país. Um cotidiano que, performado em sonho, transforma-se em um bicho ameaçador, com quem Justino precisa entrar em combate para se salvar. A febre crônica, sintoma comum de doenças transmitidas por vírus e bactérias, indica antes um alerta, um recado.

Assim como a doença oculta e misteriosa de Justino, o coronavírus também se manifesta, individualmente, sob os sintomas da febre e do cansaço intensos. Coletivamente, no entanto, os sintomas físicos se transformam em algo mais grave e perene, algo como uma verdadeira catástrofe, ao potencializar as mazelas sociais resultantes da exploração dos corpos para a produção ampliada de riqueza. O surgimento de um sintoma individual, nesse sentido, pode ser considerado o alerta de agravamento da chaga que vem há tempos acometendo um corpo social. A verdadeira catástrofe, assinala Pál Pelbart[18], "não diz respeito ao nosso futuro, mas ao conteúdo de nosso próprio presente, ela não é a súbita Hecatombe, natural ou histórica, mas a banalidade cotidiana". Recorrendo a Benjamim, ele remata: "Que as coisas continuam assim - eis a nossa catástrofe".[19]

Guilherme Wisnik[20] vem utilizando-se da metáfora do nevoeiro para representar o estado de atordoamento e neblina do mundo contemporâneo. A tecnologia e a internet, ao mesmo tempo em que a tudo desvelam, como que iluminando um palco para dar a ver uma permanente cena de teatro, também possuem uma função inebriante, confusa e alienante. A fumaça, a lama, o óleo e o vírus irrompem de dentro do nevoeiro revelando as catástrofes arraigadas ao nosso mundo, uma espécie de lampejo que eclode subitamente diante de olhos adormecidos. Há tempos escondido por detrás das cifras da produção capitalista, torna-se cada dia mais impossível esconder a permanente catástrofe de nossos dias.

"A queda do céu" representa um estrondo sobre nossas certezas mais concretas, um alerta para o esgotamento do mundo pelo modo que temos vivido até aqui. Ele nos convida a fabricar outras utopias. Por esse motivo, o livro pode ser considerado "uma forma xamânica em si mesma, um exemplo de xamanismo em ação", como observou Viveiros de Castro[21]. O efeitoque ele nos causa pode ser comparado a uma sessão de terapia psicanalítica, pois cumpre a

---

[18] PÁL PELBART. *Espectros da catástrofe.*

[19] Idem.

[20] WISNIK. *Dentro do nevoeiro*.

[21] VIVEIROS DE CASTRO. *O recado da mata*, pg. 39

função de encaminhar os sujeitos/leitores para uma confrontação com aquela coerência unitária de conduta, ideias e experiências já programadas socialmente para a conformação das individualidades.

A terapia psicanalítica, segundo o que foi postulado por Lacan[22], só poderia ser capaz de promover transformações reais no indivíduo se ela se aproximasse de uma experiência poderosa o suficiente para nos levar a uma zona fronteiriça da identidade, na qual o Eu se veria completamente despido das determinações da consciência ou mesmo da memória, em um ato potencial de tradução àquilo que podemos chamar de *emoção*. Ao suspender os preceitos de nossas bases ontológicas, o livro de Kopenawa e Albert se apresenta como um "recado co*movente*"[23], como sublinha Viveiros de Castro, pois seu poder de nos colocar "em movimento junto com ele" promove uma potente revisão do mundo como o temos vivido até aqui.

[22] SAFATLE. *Introdução a Jacques Lacan*.

[23] Idem, pg. 40

Referências Bibliográficas

KOPENAWA; Davi. ALBERT, Bruce. *A queda do céu*: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

PÁL PELBART, Peter. *Espectros da catástrofe*. In: N-1 Edições. São Paulo, 2020. Disponível em: https://n-1edicoes.org/134

SAFATLE, Vladimir. *Introdução a Jacques Lacan*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018

SZTUTMAN, Renato. *Um acontecimento cosmopolítico*: O manifesto de Kopenawa e a proposta de Stengers. Mundo Amazónico, 10 (1): 83-105. 2019

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; DANOWSKY, Déborah. *Há mundo por vir*? Ensaios sobre os medos e os fins. Florianópolis: Cultura de Barbárie Editora, 2017

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *O recado da mata* (prefácio). In: KOPENAWA; Davi. ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, pg. 39

WISNIK, Guilherme. *Dentro do nevoeiro*. São Paulo, Ubu Editora; 2018.

Sites consultados:

EL PAÍS. Bolsonaro veta obrigação do governo de garantir acesso a água potável e leitos a indígenas na pandemia, São Paulo, de 2020. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-08/bolsonaro-veta-obrigacao-do-governo-de-garantir-acesso-a-agua-potavel-e-leitos-a-indigenas-na-pandemia.html>

EL PAÍS. "Meus antepassados morreram pelo mesmo que eu tô enfrentando: o garimpo ilegal e a epidemia". São Paulo, Julho de 2020. Disponível em: < https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-14/meus-antepassados-morreram-pelo-mesmo-que-eu-to-enfrentando-o-garimpo-ilegal-e-a-epidemia.html>

FOLHA DE SÃO PAULO. Pandemia já chegou a metade das aldeias dos paiter suruí. São Paulo, de 2020. Disponível em: <

https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/08/pandemia-ja-chegou-a-metade-das-aldeias-dos-paiter-suruis.shtml >

G1 PERNAMBUCO. Justiça determina que governo federal e ibama adotem medidas sobre óleo em praias de PE sob pena de multa. Recife. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2019/10/20/justica-determina-que-governo-federal-e-ibama-adotem-medidas-sobre-oleo-em-praias-de-pe-sob-pena-de-multa.ghtml>

O GLOBO. Autoridades locais reclamam da omissão do governo federal no derramamento de óleo no NE. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/autoridades-locais-reclamam-da-omissao-do-governo-federal-no-derramamento-de-oleo-no-ne-24031807 >

PIAUÍ. O vírus está no prato: A relação entre zoonoses fatais e os animais que comemos. Agosto de 2020. Disponível em:< https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-virus-esta-no-prato/ >

UOL. São Paulo. 2019. Queimadas na Amazônia provocam "corredor de fumaça" na América do Sul. Disponível em: < https://noticias.uol.com.br/meio-ambiente/ultimas-noticias/redacao/2019/08/20/queimadas-na-amazonia-provocam-corredor-de-fumaca-na-america-do-sul.htm >.

VALE BRASIL. Reparação e Desenvolvimento. Minas Gerais, Dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.vale.com/brasil/PT/aboutvale/servicos-para-comunidade/minas-gerais/atualizacoes_brumadinho/Paginas/listas-atualizadas.aspx.>

Este ensaio foi produzido por meio do Programa de Fomento Cultural - Bolsa de Fomento à Criação / Estudante UFMG.

Realização:

BOLSA DE FOMENTO À CRIAÇÃO UFMG

PRAE PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

DAC DIRETORIA DE AÇÃO CULTURAL

UFMG